

# Cariocas no topo da desigualdade

## FGV: Jogos são a chance de reação

O Rio de Janeiro andou na contramão da tendência de combate à pobreza e à desigualdade no país. Estudo do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas mostra que a pobreza na cidade cresceu 89,11% entre 1997 e 2008, enquanto a média nacional foi de queda de 38%. A

pesquisa analisou a "performance social" dos últimos três mandatos de prefeitos de 27 capitais federais. "O Rio é hoje mais desigual do que o Brasil", resume o economista Marcelo Neri, coordenador do estudo. A pesquisa detecta também falhas educacionais.

**Tema do dia A2 e A3**

# Ouro em aumento da miséria

Até 2016, Rio terá que combater problemas sociais como o crescimento de 89,11% da população em pobreza extrema de 1997 a 2008, pela FGV

**Raphael Zarko**

A taxa de evolução da pobreza do Rio de Janeiro aumentou 89,11% nos últimos três mandatos municipais. O índice carioca foi o que mais cresceu no país, segundo estudo do Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas, que usou como linha de pobreza o cálculo internacional, de US\$ 1 por dia. O índice, que era de 3,50% entre 1997 e 1999, saltou para 6,61%. No mesmo período, houve queda no país (de 7,76% para 4,80%) e nas 27 capitais pesquisadas: de 4,66% para 4,14%. O resultado coloca a agora também cidade olímpica – e também uma das sedes da Copa do Mundo de 2014 – na berlinda para reagir nos indicadores sócio-econômicos nos próximos anos. Na mesma pesquisa, usando como base o parâmetro de Classe E da FGV – segmento dos que ganham menos de R\$ 137 por mês – a cidade fluminense também não melhora muito: ocupa a 16ª posição entre as 27 capitais estaduais.

A pesquisa “Performance social das 27 capitais federais entre mandatos de prefeitos” analisou três períodos, de acordo com microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad/IBGE): de 1997 a 1999 – no ano 2000 não foi realizada Pnad; de 2001 a 2004; e 2005 a 2008.

– O Rio hoje é mais desigual do que o Brasil. Durante os três últimos mandatos de prefeitos, tivemos a maior queda. Qualquer quesito, do comércio inclusive, mostra que o Rio está descendo a ladeira nos últimos 10 anos. A Olimpíada representa uma oportunidade, um horizonte e um objetivo para a gente – afirma o economista responsável pela pesquisa, Marcelo Neri, da FGV. – Tivemos um efeito de 2007, quando a renda média do estado caiu 5,8% para 2008.

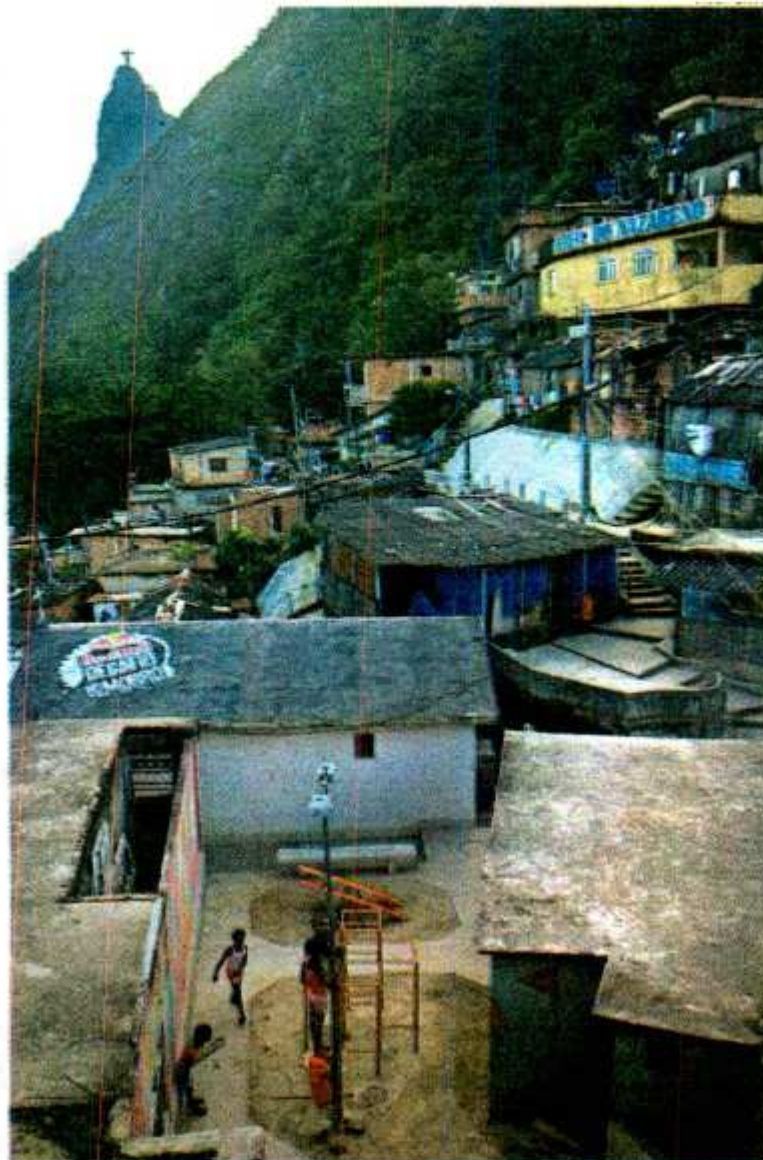
Para Luiz Mário Banken, coordenador do Fórum Municipal do Orçamento, os índices negativos, principalmente com relação à pobreza se deve à “orientação política

dos governos Cesar Maia e Luiz Paulo Conde, favoráveis ao aumento da desigualdade”.

– Os gastos favoreceram a concentração de renda. Os gastos com o (estádio) Engenhão, no Pan, foram dinheiro público que só favoreceram o Botafogo e as empreiteiras. É dinheiro da população destinado a poucas pessoas. O mesmo vale para os gastos na urbanização da Vila Pan-Americana e na Cidade da Música – criticou.

O estudo aponta outro desempenho negativo carioca: enquanto o país teve queda de 16% na proporção de renda per capita nula, no período estudado, a cidade aumentou em mais de 100% o número de trabalhadores sem rendimento, atingindo 6,42% e liderando o ranking de 27 capitais.

Procurado por e-mail pelo **Jornal do Brasil**, Cesar Maia não respondeu até o fechamento desta edição.



**POBREZA** – Crescem as favelas, como a Santa Marta, em Botafogo



**PELO RALO** – Cesar Maia avaliza Cidade da Música, exemplo de desperdício de dinheiro público

### VARIAÇÃO DA POBREZA NA CLASSE E (PÓS-CRISE) AGOSTO 2008 A AGOSTO DE 2009



### VARIAÇÃO DA CLASSE ABC (PÓS-CRISE) AGOSTO 2008 A AGOSTO DE 2009



► Porcentagem da população em situação de miséria			
	1997-1999	2005-2008	Crescimento
Brasil	7,76%	4,80%	-38,20%
Rio de Janeiro	3,50%	6,61%	89,11%

► População frequentando escolas dos 7 aos 14 anos			
	1997-1999	2005-2008	Crescimento
Brasil	94,49%	97,70%	3,40%
Rio de Janeiro	96,78%	98,41%	1,69%

► Anos de estudo em média			
	1997-1999	2005-2008	Crescimento
Brasil	5,93	7,35	23,93%
Rio de Janeiro	8,30	9,44	13,78%

# Pobreza 'pós-crise' cresceu em São Paulo

**Raphael Zarko**

Se o Rio de Janeiro não apresentou bons índices de redução da pobreza nos últimos períodos de mandatos municipais, os paulistas também não tiveram motivos para comemorar nesse quesito no "pós-crise" (a partir de agosto de 2008 até o mesmo mês desse ano). Segundo o estudo, com base em dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE), a cidade de São Paulo foi a única entre as seis maiores capitais brasileiras que teve aumento da taxa de pobreza, com quase 6% a mais na variação. No Rio de Janeiro, houve queda de 3,47%, taxa próxima à média das metrópoles (- 4,82%), mas bem distante da líder Porto Alegre, com

baixa de 23,31% de pobreza.

Salvador (BA) foi a segunda capital com melhor desempenho na taxa de redução da pobreza, logo seguida de Belo Horizonte (MG).

Resultados semelhantes podem ser verificados na variação de renda média per capita pós-crise: Porto Alegre lidera com 8,95%, seguida por Salvador (6,38%) e Belo Horizonte (5,49%).

Rio e São Paulo tiveram queda nesse aspecto: 0,76% e 2,78%, respectivamente. Na média nacional das seis metrópoles, acréscimo de 1,56%. Outro índice que reflete a redução da desigualdade (Gini), apontou - por outro lado - que a capital mineira foi a única que cresceu (1,29%). Cariocas (0,99%) e paulistas (2%) tiveram baixas pró-

ximas, e no total das seis grandes cidades pesquisadas houve ligeira queda, de 0,06%.

## Classes mais ricas oscilam

No fim da última gestão de Cesar Maia, dezembro de 2008, as classes econômicas com maior renda (ABC) eram mais de 72% da população carioca. Eduardo Paes assumiu em janeiro e viu os índices caírem mês a mês até chegarem a 67% em abril.

- Os 100 primeiros dias de Paes foram ruins, mas os 100 seguidos já estão recuperando, com agosto fechando a cerca de 70% na ABC - diz o economista Marcelo Neri, brincando que parece um "efeito vingança do ex-prefeito".

“

Gastos como com o Engenhão foram dinheiro da população para poucas pessoas

Luiz Mário Banken  
Coordenador do Fórum do Orçamento

“

O Rio está descendo a ladeira nos últimos 10 anos. A Olimpíada representa uma oportunidade

Marcelo Neri  
Economista da FGV

# Evasão escolar preocupa pelas gerações futuras

Embora esteja no andar de cima da educação em comparação com a maioria das capitais brasileiras, o Rio de Janeiro também sofreu quedas de 1997 a 2008, como no ranking de anos de estudo, em que caiu da 4ª para a 6ª posição, como mostra o estudo da FGV. Foi ultrapassado por Florianópolis (SC), que pulou da 8ª para 2ª posição e por Palmas (TO), que saltou do 24º para o 5º lugar.

A taxa de crescimento de anos de estudo no Rio durante esse período foi apenas a 17ª entre as 27 capitais: 13,78%, passando de 8,30 para 9,44 anos. O crescimento médio nacional nesses 12 anos foi de 23,93% – quase o dobro.

A secretária municipal de Educação, Cláudia Costin, pondera que a pesquisa compara os crescimentos entre o Rio, que já tinha uma situação melhor que a de outras cidades brasileiras com “um atraso maior a ser superado”. Ela reconheceu, entretanto, a gravidade que se tomou o problema da evasão e a possibilidade de seu agravamento com a população que deve crescer, atraída por empregos na Copa de 2014 e na Olimpíada de 2016.

– E uma população que pode não se fixar, aumentando a evasão atual de 2,61%. Mas temos meta de baixar para 2,4% no plano plurianual (até 2013) – frisou.

A secretária especificou que será preciso cuidado especial com 150 escolas que apresentam o dobro de evasão, de 5,2%.

– São escolas em áreas dominadas por tráfico ou milícias, onde alunos saem porque não veem evolução na escola. Em Santa Cruz, alguns abandonaram para trabalhar em vans controladas por milicianos – comentou, citando três medidas em adoção para tentar reverter este quadro, incluindo estudo em tempo integral, completando o turno com atividades artísticas e esportivas, realfabetização de 28 mil analfabetos funcionais e correção de defasagem entre idade e série.

Miriam Paíra, professora de educação da Uerj, ratifica a frequência e a evasão escolar como principais fatores na escolaridade, e pede atenção além dos dados.

– Mais importante do que os números é buscar suas causas. Não basta construir uma escola e botar computador. Tem que ensinar os alunos a usar o computador.

Questionado sobre alguns resultados da pesquisa, o ex-prefeito Cesar Maia limitou-se a responder sobre os dados da educação: “No Ideb foi segundo e terceiro entre as capitais. Fico com o Ideb”. **(João Pequeno)**